

PEDRO CALAPEZ branca e neutra claridade

27 Setembro > 31 Dezembro 2008



INAUGURAÇÃO: sábado, 27 de Setembro, 18h00

CASA DA CERCA Centro de Arte Contemporânea, Almada

DIRECÇÃO Ana Isabel Ribeiro

EXPOSIÇÃO

Projecto Emília Ferreira e Pedro Calapez

Curadoria Emília Ferreira

Produção e Comunicação Vanda Piteira

CATÁLOGO

Coordenação Geral Emília Ferreira

Textos Ana Isabel Ribeiro, Emília Ferreira, Mariano Navarro, Pedro Calapez

Mais informações e imagens em alta definição:

Vanda Piteira

t. 21 272 49 74 | 21 272 49 50

e. casadacerca@cma.m-almada.pt

web: www.m-almada.pt/casadacerca

PEDRO CALAPEZ branca e neutral claridade

A Exposição

Com obras de 1999 até 2008, esta exposição de Pedro Calapez estende-se por todos os espaços interiores da Casa da Cerca – Galeria Principal, Salão Nobre, Galeria do Pátio, Capela e Cisterna, apresentando sobretudo obras sobre papel, compreendendo estudos, projectos (na Capela, os desenhos de projecto dos Mistérios, para a Igreja de Fátima) e desenhos (entendendo-se aqui a obra final) e ainda pintura, vídeo e escultura (*Ground 02*).

Por Ana Isabel Ribeiro, Directora da Casa da Cerca

“A realização desta exposição de Pedro Calapez na Casa da Cerca tem um gosto acrescido já que se trata de um projecto e de uma vontade antigas que, por razões diversas, não tinha sido ainda possível concretizar. Ao entregar-lhe a Casa, para que a ocupasse na totalidade das suas áreas expositivas, recebemos empenho, entusiasmo, rigor, disponibilidade que, para o público que nos visita, se concretiza em quase cem obras que aqui estão entre desenhos, pinturas, instalação vídeo e escultura, desde 1999 a 2008.”

(Excerto do texto do catálogo)

Por Emília Ferreira, curadora

“O ponto de partida de Pedro Calapez para a construção da sua gramática pessoal sempre foi o da história da arte. Desde sempre que o pintor afirmou o seu interesse pelo tratamento espacial operado por Giotto, Fra Angelico ou autores do século XVIII como Piranesi. Interessa-lhe uma experiência do olhar que ele depois interroga, explora, acrescenta. [...] A essas referências juntam-se, com frequência, outras: as de imagens e experiências do quotidiano. É a partir desse território inicial, que nasce a continuidade do percurso de Pedro Calapez, o seu traço autoral. Ou seja, o seu gosto de riscar superfícies, de as encher de manchas densas e matéricas, de as explorar na franca explosão cromática, no claro contraste lumínico. De as fragmentar e de trabalhar o olhar – o seu e o nosso – em múltiplos espaços, geométricos ou de feição orgânica. De manipular os suportes (papéis, tela, madeira, tijolo ou alumínio) sem os iludir, assumindo-os como inequívoca parte integrante da cor, luz, textura e corpo da obra, contribuição para o seu labirinto visual e sensual. De sulcar as superfícies, num traçado que a mão elabora em pleno exercício da gestualidade, deixando na sua escrita o registo de um espaço que parece quase real, mas nunca é, que eternamente se recombina nas suas ínfimas partículas constituintes, como se buscasse a melhor conjugação possível. [...]

Tendencialmente vestigial, o desenho de Calapez resume-se, com frequência, a uma linha de contorno, que mais indicia ou lembra do que descreve. Com efeito, ao erodir (quase) toda a presença humana, ao manter apenas o registo do que da presença humana fica no mundo, ele cria um silêncio; o mesmo silêncio pesado e fantasmagórico que se sente no meio de ruínas. Pelo apagamento, o lugar torna-se simples indício. Não é habitação, mas memória. A arquitectura é uma presença constante, mas sabemos com clareza que mais do que à sua bidimensionalidade é à sua incompletude, ao seu exercício de sugestão, que devemos a sensação de inabitabilidade e os ecos que nos trazem o tempo suspenso. [...]

O gosto pelo pormenor e pelo fragmento, pela encenação, seja no traço, na instalação ou na montagem – a

ideia de uma disposição das obras num registo algo oitocentista, com grupos de trabalhos de tamanhos diferentes, dispostos muito próximo uns dos outros e a distâncias estudadas, e a leitura fragmentada, que tal montagem faculta, ou a própria criação de objectos cuja leitura obedeça a um esforço por parte do espectador – sublinham a aposta na envolvência progressiva do espectador nas suas paisagens. [...]

O facto de o trabalho de Pedro Calapez se basear muito no acto do trabalhar (nutrindo-se no seu próprio exercício) faz com que risco e prazer andem de mãos dadas. Cada obstáculo é bem-vindo, aceite como um osso do ofício, e nesse aspecto é ele mesmo, literalmente, elemento estruturante do esqueleto do que é o seu fazer. Aceitar o erro, o obstáculo, como algo a superar, como um desafio, é parte do prazer intrínseco do fazer, do processo de observação da metamorfose do mundo material, que vai gerando e gerindo, descobrindo-se no processo da sua tecitura.”

(*Excerto do texto do catálogo*)

Por Mariano Navarro, crítico

“Para esta exposição na Casa da Cerca, *Branca e neutra claridade*, Calapez decidiu começar cronologicamente no final do século passado, com a série *Desenhos contínuos*, de 1999. Cinco desenhos de grandes dimensões, realizados em pastel seco sobre papel, que representam uma espécie de floresta, de bosque sintetizado numa dança de linhas traçadas pelo método de segurar duas barras de pastel na mesma mão. A densidade uniforme do fundo negro, mais que nocturno, somado às diferentes intensidades que emanam do branco do pastel, de acordo com a força com que foi aplicado, faz com que as linhas – esse fundamento seminal do desenho – simultaneamente ondulem e vibrem.

Constituem, além disso, um panorama único, visto que as linhas que concluem a margem direita de *Desenho contínuo 01* são o ponto de partida das que iniciam a margem esquerda de *Desenho contínuo 02* e as últimas deste na margem direita originam as esquerdas de *Desenho contínuo 03*, e assim sucessivamente. Assim se transforma a visão estática, propriedade do desenho, noutra dinâmica, acentuada, além disso, por outra das exigências da concepção do artista, que já foi suficientemente acusada pelos seus estudiosos: a sua contemplação deambulatória. Não quer isto dizer que o espectador “veja” o bosque, mas sim que tem de se adentrar pelos seus compridos nove metros de, perdoem-me a liberdade, profundidade.”

[...] “A principal preocupação e o interesse fundamental de Calapez como artista é submeter ao escrutínio o acto de olhar; análise e estudo que o levou a configurar todo um conjunto de métodos e modos de aproximação, quer aos lugares quer aos objectos, que podem ser representados – incluindo as obras de arte nascidas de outras mãos – para elucidar sobre os efeitos e consequências de cada um desses modos de apropriação, como as distintas distorções, alterações e transformações a que podem ser submetidos pelas novas tecnologias, bem como, finalmente, estabelecer quais os mecanismos formais através dos quais os motivos podem ser inventados.”

[...] “Menção se não especial, pelo menos à parte, merecem os vinte desenhos dos *Mistérios*, tanto pela sua procedência, a encomenda pública para um centro de peregrinação católica, como pela sua formulação, desenhos figurativos, a linha de extrema simplicidade, o que, à primeira vista, poderia ser estranho ao fazer de Calapez. [...] Os vinte esboços, datados de 2007, não correspondem exactamente às vinte placas de bronze realizadas nesse mesmo ano, e também não se expõe, se é que existem, os esboços da porta; contudo, é uma ocasião especial para que nos possamos abeirar do mais íntimo do fazer de Calapez.”

[...] “Pessoalmente, o conjunto que me parece de maior novidade na selecção feita para esta mostra é *Planos*, de 2007. Não quero com isso diminuir de algum modo o extraordinário panorama que constituem as séries *Narrativa incompleta* (2001), *Onde pousar* (2003), *Quatro bosques* (2006), *Um dia da Vida* (2006) e outros desenhos soltos, que esclarecem a versatilidade do pintor e as distintas soluções que alcança de acordo com as diferentes questões que afronta. *Planos*, contudo, propõe, a meu ver, desenhar com a cor. Em certo

sentido, é diametralmente oposto aos desenhos dos *Mistérios* e até a outras obras que temos vindo a descrever e analisar; aqui é a cor, a sua ordenada e por vezes quebrada distribuição, os seus confrontos e diálogos, sustentados ou interrompidos, o que dá razão ao olhar.

(Excerto do texto do catálogo)

Biografia PEDRO CALAPEZ

Nasceu em Lisboa (1953), onde vive e trabalha.

Em simultâneo com os estudos de Engenharia no Instituto Superior Técnico, Lisboa (1969-74), inicia a formação artística na Sociedade Nacional de Belas Artes, entre 1972-75, começando a expor desde logo. Abandona entretanto o Técnico e, de 1976 a 1981, estuda na Escola Superior de Belas Artes de Lisboa. Em 1982, realiza a sua primeira individual. Bolseiro da Secretaria de Estado da Cultura, em 1988, de então até 1998 pertenceu à direcção do Ar.Co. – Centro de Arte e Comunicação Visual, Lisboa, onde foi responsável pelos Departamentos de Pintura e de Desenho. Com vasta obra de pintura, desenho e escultura, o seu trabalho tem sido mostrado em diversas galerias e museus, tanto em Portugal como no estrangeiro.



Oh don't ask why, 2008
[ficheiro_pc01]



Planos # 09, 2007
[ficheiro_pc02]